

Telejornalismo, política e saúde: os enquadramentos e as representações do câncer no *Jornal Nacional*¹

Allan GOUVÊA²

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

Este *paper* tem por intuito apresentar uma avaliação das representações que caracterizam a cobertura noticiosa do câncer, a partir da experiência do *Jornal Nacional* (JN) – o telejornal mais consolidado da principal emissora do país – que transmitiu, em agosto de 2013, uma série especial sobre câncer. Objetiva-se analisar o fazer jornalístico, por meio dos produtos noticiosos, tendo como parâmetros as expectativas da comunicação para a saúde e as teorias construcionistas do jornalismo, incluindo as noções de enquadramento e narrativa, adaptadas ao contexto audiovisual do espaço televisivo. Ademais, espera-se identificar as questões políticas, em *lato sensu*, que emergem dessa cobertura.

PALAVRAS-CHAVE: telejornalismo; política; saúde; representação social; câncer.

1. Comunicação e Saúde

Nas últimas décadas, é notório o crescimento de coberturas noticiosas que versam sobre a saúde nos mais diversos aspectos. Isso porque, acredita-se, parece haver uma demanda crescente da população por uma informação que lhe garanta maior qualidade de vida e que promova o bem-estar. Mas, mais do que um interesse do público, as empresas jornalísticas encontraram – talvez – mais um tipo de editoria que vende, por atender aos interesses comerciais de muitas outras empresas que, de outras formas, procuram “vender saúde”.

Contudo, ainda que essa abordagem seja reflexo de todo um sistema que objetiva o lucro, há uma face importante da relação Comunicação e Saúde – no sentido de que pode se constituir como uma estratégia de promovê-la, por intermédio da publicização da informação que gera o conhecimento. Dessa forma, parece-nos razoável esperar que esse tipo de conteúdo noticioso venha revestido por uma informação de qualidade, tendo como

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista diplomado, mestrando do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM-UFJF), com bolsa Capes, e integrante do Grupo de Pesquisa “Laboratório de Jornalismo e Narrativas Audiovisuais” da UFJF, e-mail: allangouvea@yahoo.com.br.

premissas os valores éticos do jornalismo, a busca por reportagens bem apuradas, com pesquisas em fontes seguras e, em alguns casos, um tratamento que dê conta de retratar a dor do outro de maneira sensível, menos espetacular ou sensacional.

E é exatamente nessa fronteira tênue que esbarram as contradições do discurso jornalístico, que passa pela supervalorização do drama humano, em detrimento da informação sobre saúde – que é aparentemente transmitida com o único intuito de “ensinar” ou “explicar” doenças e outras questões relativas ao funcionamento do corpo humano (função didático-pedagógica). Qual seria, então, o papel da comunicação e, mais especificamente, do jornalismo para a saúde? Quais são as principais características da incipiente ligação entre esses dois campos sociais?

Em se tratando de campo midiático, é importante compreender que se trata de um espaço de mediação social, que dialoga com diversos outros campos; configurando, ordinariamente, um jogo de interações sociais e um movimento de seus atores por disputas de sentido para interpretar e representar a realidade que nos circunda – sempre em busca de uma legitimidade, estabelecendo-se como campo estratégico (RODRIGUES, 1990).

Dessa forma, o esforço de pensar a Saúde no âmbito da Comunicação consiste justamente na necessidade de obter os direitos de acesso à saúde e à informação. A última pode facultar, em grande medida, a promoção da primeira, por meio da difusão de conhecimentos que podem possibilitar mudanças voltadas para a melhoria da qualidade de vida, através de hábitos e práticas salutaras, profiláticas.

Falar de saúde do espaço público de televisão pode configurar, assim, um importante instrumento para a autonomia do cidadão-telespectador, ao permitir que a informação possa tornar os homens mais livres, isto é, menos dependentes. Por outro lado, é preciso assegurar que os serviços de saúde e de informação, enquanto instâncias que devem ser providas pelo poder público, sejam oferecidos com políticas de qualidade e compromisso; segundo os ideais de comunidade e democracia.

O debate se torna ainda mais importante ainda quando esses esforços dizem respeito a uma sociedade em desenvolvimento, historicamente marcada pelas disparidades socioculturais, características de uma nação com baixos níveis de escolaridade, profundas desigualdades econômicas e hábitos culturais diversos (BORTORIELO, 2008). Aspectos que ratificam a noção de um país com diferentes realidades, potencializadas pelas próprias extensões territoriais, comparáveis às de um continente.

Todos esses elementos revelam a relevância da abordagem da saúde no meio de comunicação mais presente no cotidiano do brasileiro. É imperativo, nesse sentido, investigar os sentidos mobilizados, a forma e o conteúdo que caracterizam esse tipo de cobertura – as relações simbólicas operadas, que podem contribuir com o processo de promoção da saúde; principalmente no que concerne à dinâmica dos poderes envolvidos. Cabe ressaltar a ideia de *contribuição*, porque os atos comunicativos não resolverão todos os problemas que a área saúde enfrenta, mas podem, idealmente, constituir um indispensável instrumento de auxílio para a sua resolução (EPSTEIN, 2001).

2. Telejornalismo e suas representações sociais

Uma das principais particularidades do telejornalismo é o fato de que ele trabalha com dois elementos de maneira simultânea: áudio e vídeo. Dessa maneira, ao cadenciar imagens em movimento, vozes, sons, artes e outros recursos, os telejornais operam símbolos linguísticos nos planos visual e sonoro e, por essa razão, tem um potencial representativo e um poder simbólico, talvez, mais significativos se comparados com os produtos oriundos de outras mídias. Esses aspectos também podem ser explorados, por exemplo, no ciberespaço, que permite ainda outros recursos a mais, a exemplo da interatividade. No entanto, levando-se em consideração a conjuntura sociocultural do Brasil, a televisão e o telejornalismo, por conseguinte, ocupam uma posição de centralidade e hegemonia.

Em recente pesquisa publicada pela Fundação Perseu Abramo (2013), ficou evidente, mais uma vez, que a TV aberta ainda ocupa um lugar privilegiado em relação aos meios de comunicação mais consumidos pelo povo brasileiro. Estima-se que ela atinja 19 de cada 20 brasileiros, sendo que 87% desse número assiste à TV diariamente. Poderíamos citar outras pesquisas que confirmam e reforçam essas informações, como a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD).

Entretanto, mobilizamos tais informações apenas com o fito de justificar a relevância da telinha para os brasileiros, de modo que nos parece razoável ter em mente, nessa perspectiva, que a TV é capaz de influenciar a opinião pública, construir e desconstruir mitos, agendar os assuntos que serão discutidos, hierarquizar a importância dos temas e, acima de tudo, representar a realidade social, se constituindo como agente decisivo na construção dessa realidade à qual a sociedade está submetida.

Ao reivindicar o conhecimento médico, por exemplo, o telejornalismo apresenta, antes de tudo, um impasse. Na disputa de sentido sobre quem fala e de que lugar, a linguagem do discurso jornalístico parece revelar e legitimar uma hierarquia do corpo social, pela busca do argumento de autoridade e porque os códigos são pouco acessíveis. O jornalismo, nesse sentido, parece transitar pelas “zonas de segredo” (RODRIGUES, 1990), numa tentativa de tornar público alguns saberes que por muito tempo permaneceram totalmente restritos.

2.1 Jornalismo e a construção social da realidade

Os estudos de Jornalismo já apontaram, diversas vezes, para a noção de que a sua atividade exerce uma influência estratégica nas relações sociais, não sendo mais possível conceber a ideia de que o jornalismo é um espelho da realidade e que os jornalistas são meros observadores. Mas, mais do que isso, autores como Berger e Luckman (1985) e Goffman (1985) assinalam que o jornalismo é, acima de tudo, um agente ativo e participante na construção da realidade, capaz de provocar acontecimentos, reverberar significados e determinar o que deve ser discutido pela população.

Os jornalistas não são simplesmente observadores passivos mas participantes ativos no processo de construção da realidade. E as notícias não podem ser vistas como emergindo naturalmente dos acontecimentos do mundo real; as notícias *acontecem* na conjunção de acontecimentos e de textos. Enquanto o acontecimento cria a notícia, a notícia também cria o acontecimento. (TRAQUINA, 1993, p. 168)

Dessa maneira, a atividade jornalística demonstra ter assumido em suas rotinas produtivas um *habitus* (BORDIEU, 1983), que desencadeia uma série de acontecimentos que só existem pelo fato de serem midiaticizados, ou seja, a presença da mídia determina atitudes e comportamentos de outros atores sociais e, ainda mais, determinados eventos cotidianos só subsistem para serem mediados pela imprensa.

Os meios de comunicação de massa possuem, por assim dizer, o discurso pelo qual a população clama para compreender o seu próprio mundo. Eles são, portanto, instâncias

intermediadoras entre a experiência coletiva e a individual, oferecendo interpretações típicas para problemas definidos como típicos. Tudo o que outras instituições produzem em matéria de interpretações da realidade e de valores, os meios de comunicação selecionam, organizam (empacotam), transformam, na maioria das vezes no curso desse processo, e decidem sobre a forma de sua difusão (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 68).

Ao lidar com as fontes, os repórteres ressignificam fatos dos quais as primeiras são testemunhas e que também já imprimiram sentidos ao que cooptaram do assunto. Por isso,

o jornalista tem como matéria-prima do seu trabalho a construção da realidade social que as fontes de informação criaram. Quando alguém se torna, por exemplo, testemunha de um acontecimento, confere sentido ao que percebe. Constrói, portanto, uma realidade social, objetiva o fenômeno observado. Uma forma de conferir sentido a um fenômeno é quando o contextualizamos (...) o jornalista precisa ir além da construção da realidade social de primeiro grau que a fonte faz. (ALSINA, 2009, p. 229).

Com isso, parece-nos possível afirmar que as notícias e as reportagens são produtos de uma realidade construída no interior de um universo simbólico, pois que linguagem e narrativa operam sentidos que vão moldar as representações da realidade que é retratada no (tele)jornal. E essas representações são potencializadas no espaço televisivo, por comportar os símbolos e os sentidos verbais e imagéticos atribuídos pelos jornalistas (produtores, repórteres e editores) e pelas fontes de informação – cada qual manifestando as subjetividades no processo de criação dessa realidade mediada.

2.2 Enquadramento e narrativa

À noção de construção da realidade, soma-se a de que a mídia representa os acontecimentos por meio de enquadramentos. Isto significa que a realidade apresentada pelo jornalismo aparece em forma de recorte, de forma que os operadores jornalísticos delimitam o discurso de acordo com orientações características do processo editorial, a fim de que a mensagem seja assimilada da maneira como se intenciona. A pesquisa precursora de enquadramento é proposta por Erving Goffman (1985), ao propor o conceito de *news framing*, que também é apropriado por outros autores para o desenvolvimento da definição e de outras análises.

Na vida cotidiana, como Erving Goffman demonstrou amplamente, nós enquadramos a realidade, a fim de negociá-la, controlá-la, compreendê-la, escolher um repertório e ação adequados. Enquadramentos da *mídia*, em grande parte não ditos e não reconhecidos, organizam o mundo para o jornalista que reporta e, em certo grau de importância, para nós, que confiamos em seu relato. *Enquadramentos de mídia são padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, de seleção, ênfase e exclusão, através dos quais os manipuladores de símbolos organizam rotineiramente o discurso, seja verbal ou visual.* (GITLIN, 2003, p. 7, grifos do autor)

A partir da concepção de que a mídia trabalha com “quadros” da realidade, é possível compreender a narrativa que caracteriza a tessitura noticiosa. As narrativas, de maneira genérica, são “a forma por excelência de o homem dizer sobre si mesmo, sobre seu cotidiano e sobre o seu estar no mundo” (CARVALHO, C., 2010, p. 148). É por meio da narrativa que os homens compreendem e apreendem o mundo, como elucida Luiz Gonzaga Motta, ao ser citado por Carlos Alberto de Carvalho:

A narrativa traduz o conhecimento objetivo e subjetivo do mundo (o conhecimento sobre a natureza física, as relações humanas, as identidades, as crenças, valores, etc.) em relatos. A partir dos enunciados narrativos somos capazes de colocar as coisas em relação umas com as outras em uma ordem e perspectiva, em desenrolar lógico e cronológico. É assim que compreendemos a maioria das coisas do mundo. Isso quer dizer que a forma narrativa de contar está impregnada pela narratividade, *qualidade de descrever algo enunciando uma sucessão de estados de transformação que organiza o discurso narrativo, produz significações e dá sentido às coisas e aos nossos atos.* (MOTTA, 2007, p. 143 *apud* CARVALHO, C., 2010, p. 148, grifo nosso).

Ainda de acordo com Carlos Alberto de Carvalho (2010, p. 135), subsiste na sociedade um senso comum de que o acontecimento *per se*, em seu “estado bruto”, está muito distante do que os produtos jornalísticos costumam oferecer ao seu público. Indo mais além, o pesquisador defende que, na contemporaneidade, os eventos cotidianos tomam forma e concretude existencial por intermédio das narrativas jornalísticas, cujo processo de construção é marcado pela intersubjetividade dos atores em cena e pelos enquadramentos.

2.3 Telejornalismo

Os telejornais brasileiros, na atualidade, são considerados, segundo Vizeu e Correia (2007), o “lugar de referência” para a sociedade, tendo em vista a sua importância estratégica para a definição de diversas questões sociais e nacionais. Os autores entendem que o “jornalismo televisivo representa um ‘lugar’ para os brasileiros muito semelhante ao da família, dos amigos, da escola, da religião e do consumo.” (VIZEU, 2007, p. 2)

Assim, apesar das diferenciações editoriais, parece haver um modelo padronizado de telejornal, que, genericamente, é estruturado por uma sequência de enunciação do(s) apresentador(es), VTs, notas secas e cobertas, nota pé, entradas ao vivo e outros elementos que vão constituir o telejornal. Há variações no estilo de cada produto, pela recorrência de uns elementos em detrimento de outros, pela linguagem, abordagem ou, ainda, por questões técnicas.

De acordo com a pesquisadora Iluska Coutinho, os telejornais obedecem a um modelo que se tornou hegemônico e que pode ser denominado como *dramaturgia do telejornalismo*, que consiste na visão de que “as ações são representadas na tela como drama cotidianos”, na medida em que as reportagens são construídas a partir de personagens que são colocados em estórias, compostas por cenários, contextos e referências temporais (COUTINHO, 2012). Trata-se de uma tendência intrínseca ao veículo, que desenvolve a função de informar, entreter e educar, e que, talvez, tenha passado a mesclar suas finalidades em seus produtos.

Emoção, entretenimento, identificação. São esses os ingredientes que dão o tom do discurso telejornalístico, tecido com recursos sonoros, imagéticos e textuais para, diariamente, contar as histórias de *interesse público* e de, principalmente, *interesse do público*. Nesse caso é a lógica comercial dos veículos de comunicação, fiel aos moldes da indústria cultural e ao cenário da comunicação de massa, que também orienta os processos de seleção, narração e edição do real, produzindo representações simbólicas e identidades, com um viés preferencialmente espetacular.

Por essas razões, são comuns as inserções de notícias de interesse humano, com forte apelo emocional, que caracterizam as notícias e as reportagens de televisão. Há preferência por veiculação de assuntos dramáticos, envolvendo sensações de medo, dor, sofrimento, entre outros. A angulação e a forma de abordagem variam, todavia, de acordo com a emissora e o perfil do telejornal, mas, regra geral, todos apresentam suas notícias como dramas da realidade social.

Em síntese, o telejornal ou o telejornalismo consiste na

produção e veiculação de conteúdos jornalísticos, na mídia televisiva. Para além de sua vocação ao entretenimento, a televisão se constitui em importante instrumento de acesso ao mundo por meio de mensagens que combinam em exibição simultânea, graças à edição, texto convertidos em som e imagens em movimento, associando códigos linguísticos com características distintas na composição televisual (COUTINHO, 2010, p. 1157).

Dadas as noções fundamentais do *modus operandi* do jornalismo de televisão, associadas aos pressupostos que configuram as relações estabelecidas entre comunicação e saúde, passaremos a apresentar as observações referentes a um produto representativo do tema em questão. Trata-se de uma série de seis reportagens sobre o câncer, transmitidas no período de uma semana, no telejornal mais longevo, da emissora de televisão comercial de maior audiência do país.

3. As narrativas midiáticas em saúde interpretadas: uma análise da série especial sobre o câncer no JN

A partir das expectativas enunciadas sobre a interação entre Comunicação e Saúde, dos elementos que caracterizam a atividade jornalística no âmbito televisivo, e considerando as noções de jornalismo enquanto agente construtor da realidade social, por meio de seus enquadramentos e suas narrativas, este trabalho propõe-se a investigar uma série especial do *Jornal Nacional* – telejornal mais representativo da principal emissora do país – que estabelece uma promessa de uma cobertura mais aprofundada e continuada sobre os diversos aspectos do câncer. A série foi ao ar de 5 a 10 de agosto de 2013 e todo o

material audiovisual está disponibilizado na web³, de onde foi possível resgatar os conteúdos para o exame metodológico.

As reportagens serão analisadas criticamente segundo a forma e o sentido adotados, com técnicas de pesquisa quali-quantitativas. São, ao todo, seis VTs que somam mais de 29 minutos do espaço do telejornal (que ocupa o horário nobre da emissora), no período de uma semana. Procuraremos analisar as angulações (enquadramentos), o tratamento jornalístico, as vozes que compõem as reportagens, a narrativa e, principalmente, os elementos de dimensão política que emergem nesse espaço que deveria ser a esfera pública hodierna.

Tendo em vista as limitações de um artigo científico, iremos proceder à apresentação de um panorama geral dos produtos em análise, segundo os pressupostos já sinalizados. A série de reportagens foi conduzida por José Roberto Burnier, que se tornou uma espécie de repórter especial para a cobertura da doença no telejornal, tendo coberto os casos protagonizados por José de Alencar, Lula, Dilma Rousseff, dentre outros⁴. A própria produção da série jornalística demonstra uma preocupação do veículo em abordar um assunto que possui um *status* de relevância, mas o discurso e os aparatos jornalísticos utilizados revelam que se trata de uma doença grave, reforçando os sentidos de que gera sofrimento e que pode levar à morte. Talvez por isso, estejam evidentes, mais uma vez, alguns enquadramentos repetitivos, como é possível constatar a partir da maturidade que essa pesquisa vem alcançando⁵. Uma das matérias, inclusive, leva uma equipe de reportagem aos Estados Unidos, a fim de fazer uma comparação com a situação brasileira, que é vista como atrasada e sem infraestrutura.

³ Disponível em <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/>>. Acessos em 26 nov. 2013.

⁴ O diagnóstico do câncer por figuras públicas, especialmente políticos, quase sempre são o mote para que a doença seja abordada nos meios de comunicação. Isso ficou patente em estudos anteriores realizados, que se debruçaram justamente sobre a personificação como estratégia de cobertura noticiosa da oncologia. No caso de políticos, a emergência do tema quase sempre está atrelada às implicações que a enfermidade protagonizada pelos representantes podem repercutir na vida pública. Nesse sentido, a reportagem pode gerar efeitos sociais de dramatização, espetáculo, personalismo e mobilizar, de um modo geral, relações de poder. Após o término do seu mandato, Lula foi acometido por um câncer na laringe, cujo tratamento durou menos de um ano e que foi coberto pela mídia, de outubro a março de 2012. Entre idas e vindas, José de Alencar lutou contra o câncer em vários órgãos durante 13 anos, antes, durante e depois do seu mandato como vice-presidente de Lula. Dilma, por sua vez, então pré-candidata à presidência, indicada por Lula, teve linfoma e todos os seus passos foram retrados pela imprensa. Dois artigos sobre a cobertura do câncer de Lula e Dilma já foram objetos de análise: (GOUVÊA; COUTINHO, 2012) e (GOUVÊA, 2013).

⁵ Este trabalho faz parte de um projeto de pesquisa que é desenvolvido há aproximadamente um ano. Já foram produzidos, além dos que citamos na nota de rodapé anterior, outros cinco artigos sobre as relações de comunicação e saúde, materializadas nas experiências da cobertura do câncer pelo telejornalismo. Os trabalhos figuram em anais de congressos nacionais e internacionais realizados em 2012 e 2013 (vide referências).

As seis matérias veiculadas, que se propõem a contemplar diferentes angulações do tema câncer, representam ainda uma tentativa de dar conta de todas as suas complexidades, práticas e simbólicas, constituindo uma abordagem continuada, que a cada dia procura preencher uma lacuna, abordar uma face desse universo delicado. Por essa razão, muitos especialistas e personagens aparecem mais de uma vez ao longo da semana, com depoimentos que dizem respeito ao aspecto destacado naquela unidade informativa. Há uma grande variedade de fontes, uma média de quatro por matéria, entre pacientes, expacientes, populares que se previnem da doença, familiares e especialistas de várias áreas da saúde. Dessa forma, encontramos novidades em relação aos estudos anteriores, já que, nessa série, são ouvidos pacientes em tratamento (que, até então, por outras amostras, eram interditados) e profissionais de outras áreas além da medicina.

Alguns recursos, no entanto, permanecem como característicos dessa cobertura, a exemplo do uso recorrente de BGs e *sobe som*, que garantem o tom emocional e sensacional das abordagens. Além disso, os recursos gráficos produzidos integram constantemente a sequência audiovisual, que, junto com a narração em *off*, atribuem um caráter explicativo, educativo ao conteúdo. Isso está mais evidente na primeira matéria, que é uma espécie de introdução ou apresentação da série; que articula uma infografia de mais de um minuto para “ensinar” o que são e como se formam os tumores malignos.

Ainda nessa primeira reportagem, verifica-se um tom alarmante do discurso, porque apresentam as estatísticas da doença para os próximos anos, que deve aumentar cada vez mais. É utilizada, por exemplo, uma estimativa da Organização das Nações Unidas (ONU) que afirma que, em 2030, o câncer poderá fazer mais de 13 milhões de vítimas fatais no mundo. A reportagem indaga a que se deve esse fato, se cada vez mais a tecnologia avança; a explicação dos especialistas é que a expectativa de vida também aumenta, associada à poluição, aos maus hábitos e a questões genéticas. Nessa perspectiva, os pacientes são ouvidos para falar, rapidamente, de suas experiências e para mostrar, no discurso da esperança e da positividade, que 60% dos pacientes se curam. Há referências a políticos e celebridades, de modo a inferir, no subtexto, que o câncer independe de posições sociais ou econômicas; mas, muitas vezes, pode ser causado pelo uso do cigarro, por exemplo, que provoca o câncer de pulmão – o tipo da doença que mais mata. Apesar de tantos problemas, a narrativa termina com um *happy end*, ao contar a história de uma moça que teve a perna amputada por ocasião de um câncer no osso e que hoje é jogadora de vôlei paraolímpico.

Na sequência, a série procura evidenciar uma denúncia de que no Brasil existem poucos hospitais de referência para o tratamento de neoplasias e que há uma disparidade estrutural entre as regiões brasileiras. A estratégia comunicativa é mostrar os recursos de um grande hospital, localizado no interior de São Paulo, que atende pacientes oriundos de diversas regiões do país, que não têm acesso próximo a um tratamento equivalente. Os personagens enfrentam longas distâncias e isso é argumento para demonstrar que o sistema de saúde para o câncer no país é deficitário, insuficiente. Mas o depoimento de um representante do Instituto Nacional do Câncer (INCA) apresenta uma visão otimista, afirmando o sistema vai melhorar nos próximos anos. Ainda nesse produto, uma enfermeira é ouvida e outros dois médicos, além do presidente do hospital, cuja representação é a de um pecuarista que deu continuidade à idealização do pai e que hoje trabalha a maior parte do tempo em busca de doações. Não obstante a denúncia de um sistema público ineficiente, a matéria não dá voz a um representante do Estado, que deveria ser, assim, o provedor e prestador de serviços à população.

No terceiro momento, a pauta direciona-se para um aspecto ainda mais sensível do câncer e, talvez por isso, esta seja a matéria com maior apelo de sensibilidade, porque procura retratar a realidade de crianças e adolescentes que foram diagnosticados com a doença. A reportagem inclui dados da doença em relação a esse público, as pesquisas voltadas para os pacientes pediátricos, também afirmando que 60% deles são curados. A matéria procura mostrar como é o universo infantil para esses pacientes, os estudos e as brincadeiras; retrata, além disso, o caso de uma bióloga que teve o câncer na adolescência e que hoje se dedica a pesquisas de combate à doença. Outra vez, o recurso do happy end aparece, ao contar a história de uma família que teve dois casos de câncer, uma mãe e uma filha, que “venceram” a doença e levam uma vida normal na atualidade.

A quarta reportagem da série fala das consequências do tratamento do câncer para os pacientes, as limitações e as reações da quimioterapia e radioterapia, que são enquadradas como terapias, muitas vezes, agressivas. Isso está presente nos depoimentos dos pacientes e de cinco médicos que são entrevistados ao longo da matéria. Destaca-se a importância do diagnóstico no estágio inicial, de modo a sugerir ao telespectador uma avaliação anual do estado de saúde, seguindo as recomendações com relação aos exames de prevenção. Nessa perspectiva, a matéria enaltece as iniciativas inovadoras de diagnósticos que vão até a população, cujas sonoridades com os cidadãos servem “de exemplo”, pois fazem exames regularmente, principalmente quando apresentam histórico familiar da doença. Por

fim, o jornalista aborda os avanços tecnológicos no diagnóstico e em tratamentos menos agressivos (cirurgias e terapias).

O quinto produto audiovisual adota uma estratégia comparativa, em nível internacional, para tentar comprovar que existe uma referência nos Estados Unidos de centro de tratamento e pesquisa do câncer, que atrai estrangeiros, como os 21 brasileiros que se trataram da doença nesse centro de referência localizado no Norte da América. A matéria enaltece os equipamentos de ponta e a estrutura sofisticada da instituição, que investe cerca de 1,3 bilhões de dólares em pesquisa, além de propor ainda esforços para a prevenção. No entanto, o tratamento é caro e não é integralmente coberto pelos planos de saúde, fazendo com que muitos busquem apenas orientações para prosseguir com o tratamento em outros países. Um personagem brasileiro que tem câncer nos dois pulmões e no cérebro é tratado nesse centro e apresentou melhoras substanciais na regressão dos tumores. O paciente dá um depoimento marcante ao dizer que o tabagismo é uma falta de amor-próprio: “fumar é o cúmulo da ignorância” (JN, 09/08/13). Contudo, a abordagem também demonstra os desafios dessa grande instituição por reduzir o número de mortes e encontrar a cura para os principais tipos de câncer. O presidente do hospital também diz que são desenvolvidos testes para descobrir se uma pessoa tem predisposição para desenvolver a doença. A reportagem se apropria de uma metáfora que é utilizada pela própria instituição com relação à ida do homem à Lua, para que, num sentido positivo/otimista, se acredite que os desafios podem ser alcançados.

Na sexta e última reportagem da série, novamente são colocadas em evidência as pessoas que se deslocam por longas distâncias em busca do tratamento, enfrentando dificuldades no transporte, que gera altos custos financeiros e psicológicos. Mais uma vez a abordagem é centralizada no Hospital de Barretos, cujo aeroporto local não faz voos comerciais. Esse conteúdo também possui um caráter de denúncia, sobretudo, em relação ao aeroporto, cujo responsável da instância municipal afirma não ser possível operar voos na estrutura atual. Outro representante do governo diz que o valor das passagens será subsidiado pelo Estado. Um especialista, por sua vez, fala que as dificuldades no acesso/transporte prejudicam, em alguma medida, o tratamento dos pacientes. As empresas de transporte aéreo do país informam, na nota pé, que não pretendem criar voos para a cidade de Barretos.

Considerações finais

A problemática do câncer suscita uma série de implicações no âmbito social, que envolvem questões de ordem política, jurídica, de saúde e, nesta análise, de representação no âmbito da Comunicação. Essa representação vem revestida de aspectos que determinam, muitas vezes, como a doença é percebida pela sociedade, quais os sentidos predominantes, o que a mídia deseja publicizar nacionalmente e quais significados são legitimados e colocados para. Com isso, as matérias sobre o câncer no telejornal colocam em disputa os atores sociais envolvidos nesse setor, que podem reclamar direitos e deveres, ainda que de maneira enquadrada pelo modelo vigente de se fazer jornalismo.

As experiências revelam que essa cobertura faz jus ao modelo dramatúrgico de lidar com os eventos cotidianos, na construção narrativa audiovisual que apresenta estratégias para sensibilização, sensacionalização ou humanização do relato noticioso. Os pacientes, quase sempre, são vítimas do sistema ineficiente e também agentes causadores do seu próprio mal estar, porque podem, de repente, não ter cultivado “hábitos saudáveis” ou porque foram negligentes com a saúde e não identificaram o problema na fase inicial (culpabilização). Médicos (autoridades de poder simbólico) e pacientes curados são os heróis dessa realidade mediada, que vencem ou que venceram o grande inimigo: o tumor maligno. O Estado é ordinariamente um vilão silencioso que não assegura as condições mínimas para um tratamento eficaz, que garanta resultados mais promissores. Mas, apesar de tudo isso, na materialidade telejornalística, está sempre como pano de fundo a esperança, a possibilidade de um “final feliz”, que é o da superação desse mal que adquire status coletivo.

Nesse espaço público moderno, a ordem do dia é a busca por iniciativas que busquem promover avanços para o setor, que devem pressupor ações conjuntas dos profissionais de saúde, da população, dos cientistas e dos administradores da máquina pública. Não se pode omitir, ainda, que essa abordagem assume um viés extremamente genérico, que se vale de pequenos contextos, amostras pontuais para representar um todo. Acrescido aos interesses empresariais em disputa, ressaltamos os aspectos que são silenciados, ainda que a fórmula jornalística seriada se proponha e se apresente, de fato, como um relato aprofundado de se abordar o assunto, sem se prender à superficialidade dos relatos factuais. Mas é claro, contudo, que há muito ainda por ser dito, sobretudo no que tange às políticas públicas, aos direitos dos pacientes e a uma grande parcela da população

que não é representada nesse contexto, que promete ser uma esfera pública de abrangência nacional.

Como sinalizado no início deste trabalho, a comunicação não será uma ferramenta que dará conta de resolver todos os problemas que subsistem nos diferentes “brasis”, mas pode se constituir como um instrumento viabilizador de mudanças estruturais do sistema, se cumprir efetivamente o seu papel de interesse público, buscando as ideias de democracia e igualdade, a fim de que os povos tenham acesso, pelo menos, aos direitos básicos previstos nos diversos dispositivos jurídicos existentes.

Nessa perspectiva, o jornalismo assume um papel preponderante no contexto contemporâneo, porque está presente no cotidiano dos cidadãos, apresenta um significativo alcance e muitas vezes influencia o processo de estabelecer comportamentos, modos de ver e sentir o mundo. A informação em saúde, portanto, deve ser vista como um elemento estratégico para formar uma sociedade na qual os cidadãos tenham o conhecimento necessário para que sejam mais livres, ou menos dependentes, na perspectiva de obter maior qualidade de vida e de poder contribuir com o desenvolvimento civilizatório.

Referências

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

_____. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**: a orientação do homem moderno. Petrópolis: Vozes, 2004.

BORTORIELO, Simone. As representações de saúde e doença na Televisão Brasileira - um estudo sobre o que pensam os profissionais da TV Cultura de São Paulo no final do século XX. In: CELACOM, 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Umesp, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CARVALHO, Carlos Alberto de. **Atores em disputa de sentido**: jornalismo e homofobia nas narrativas da Folha de S. Paulo e O Globo. Tese, UFMG, 2010.

CARVALHO, Vanderli Duarte de. **Nó no peito** – ressignificação da linguagem na relação multiprofissional da saúde. São Paulo: Desatino, 2012.

DEMOCRATIZAÇÃO DA MÍDIA. Fundação Perseu Abramo, 2013. Disponível em <http://novo.fpabramo.org.br/sites/default/files/fpa_pesquisa_democratizacao_da_midia.pdf> Acesso em 01 out. 13.

COUTINHO, Iluska. **Telejornalismo**. In: ENCICLOPÉDIA INTERCOM DE COMUNICAÇÃO. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), 2010, p. 1157-1158. CD-ROM

_____. **Dramaturgia do telejornalismo**: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora-MG. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

EPSTEIN, Isaac. Comunicação e saúde. In: **Comunicação & Sociedade**. São Bernardo do Campo: PósCom-Umesp, n. 35, p. 159-186, 1º sem. 2001.

GITLIN, Todd. **The Whole World Is Watching**: Mass Media in the Making and Unmaking of the New Left, With a New Preface. California, University of California Press, 2003.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, Vozes, 1985.

GOUVÊA, Allan. Vozes de autoridade: o saber médico nas reportagens do câncer nos telejornais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 11., 2013, Brasília.

Anais eletrônicos... Brasília: UnB, 2013. Disponível em

<<http://soac.bce.unb.br/index.php/ENPJor/XIENPJOR/paper/viewFile/2681/524>> Acesso em 20 jul. 2014.

_____; COUTINHO, Iluska . Telejornalismo e saúde: abordagens do câncer nos noticiários da televisão brasileira. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 36., 2013, Manaus, AM. **Anais eletrônicos...** Manaus: UFAM, 2013. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0988-1.pdf>> Acesso em 20 jul. 2014.

_____; COUTINHO, Iluska . Dispositivos estruturais e o poder de fala dos pacientes nas reportagens do câncer: uma análise comparativa entre os noticiários de emissoras de televisão pública e comercial. In: SEMINARIO LATINOAMERICANO DE INVESTIGACIÓN DE LA COMUNICACIÓN, 7., 2013, La Paz, Bolívia. **Anais...** La Paz: UMSA, 2013.

_____. O fazer discursivo nas reportagens de TV sobre o câncer. In: ENCONTRO REGIONAL DE COMUNICAÇÃO, 11., 2013, Juiz de Fora, MG. **Anais...** Juiz de Fora: UFJF, 2013.

_____. A construção imagética da cobertura jornalística do câncer de Dilma Rousseff, a partir dos enquadramentos do Jornal Nacional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO E MARKETING POLÍTICO, 12., 2013, Juiz de Fora, MG. **Anais...** Juiz de Fora: UFJF, 2013.

_____; COUTINHO, Iluska . A personificação do câncer no noticiário de televisão: os enquadramentos do presidente Lula no JN. In: ENCONTRO REGIONAL DE COMUNICAÇÃO, 10., 2012, Juiz de Fora, MG. **Anais...** Juiz de Fora: UFJF, 2012.

_____; COUTINHO, Iluska. Telejornalismo e saúde: a personificação como recurso de cobertura noticiosa do câncer no JN. In: ENCONTRO DE JOVENS PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2., 2012, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba: PUCPR, 2012. Disponível em <<http://soac.bce.unb.br/index.php/ENPJor/JPJor/paper/view/1989/352>> Acesso em 08 mar. 2013.

MORAES, Nilson A. Comunicação e saúde: entre sentidos, interesses e estratégias. **ECO-PÓS** – publicação da pós-graduação em comunicação e cultura, v. 10, n. 01, p. 64-78, jan.-jun. 2007.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1990.

TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Veja, 1993.

VIZEU, Alfredo. O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 5., 2007, Sergipe. **Anais...** Sergipe: UFS, 2007. CD-ROM

_____; CORREIA, João Carlos. A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. In: VIZEU, A. **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

Referências dos produtos telejornalísticos

- ✓ JORNAL NACIONAL, edições de 5 a 10 ago. 2013. Disponíveis em <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/diagnosticos-de-cancer-aumentam-apesar-das-conquistas-da-medicina-contr-a-doenca/2737901/> >, <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/brasil-tem-poucos-hospitais-de-referencia-na-rede-publica-para-tratamento-de-cancer/2740439/> >, <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/centros-de-tratamento-de-cancer-ajudam-milhares-de-criancas-e-jovens-no-brasil/2743038/> >, <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/veja-como-e-importante-descobrir-o-cancer-no-estagio-inicial/2745655/> >, <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/hospital-nos-eua-e-referencia-mundial-em-tratamento-de-cancer/2748333/> >, <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/pacientes-atravesam-pais-de-onibus-para-serem-atendidos-no-hospital-de-barretos/2750278/> > Acessos em 27 nov. 2013.